Impresso
Especial
9912219638-DR/SE
UFS
...CORREIOS..

www.ufs.br
JornalUFS
Ano VI - nº 2 - julho-setembro 2013



A dona do Jabuti

Maria Lúcia Dal Farra fala sobre sua obra poética e seu trabalho como pesquisadora de Literatura

Cansaço da bola

Estudo verifica níveis de estresse e de recuperação em atletas do futsal sergipano

Páginas 4-5

Voluntariado

O que leva as pessoas a se engajar em atividades de cunho voluntário? Dissertação mapeou o perfil dos participantes de duas instituições em Sergipe

Páginas 6-7

EXPEDIENTE
Jornal UFS

Publicação da Assessoria de Comunicação da UFS

ascom

Reitor
Angelo Roberto Antoniolli

Vice-reitor
André Maurício Conceição

Chefe da Ascom
Messiluce Hansen
DRT 824/00 SE

Jornalismo
Carolina Amancio
Luiz Amaro
Jéssica Vieira
Márcio Santana
Bolsistas
Gustavo Caio
Helena Sader
Juliana Melo

Programação visual
Tadeu Tatum

Designer
Sandra Freire
Bolsista
José Aldair Oliveira

Diagramação
Márcio Santana

Fotografia
Adilson Andrade
Schirlene Reis

Desenvolvimento Web
Leonardo Finato

Técnico audiovisual
Paulo Lajes

Secretaria
Vinícius Andrade
Natan Alves
Bolsistas
Angela Laís
Priscila Silva

Redação
Cidade Universitária
Prof. José Aloísio de Campos
- Jardim Rosa Elze,
São Cristóvão/SE.
Prédio da Reitoria

Contatos
+55(79)2105-6473
comunica@ufs.br

Portal UFS
www.ufs.br

Redes sociais
facebook.com/UFSoficial
@AscomUFS

Tiragem
15.000 exemplares



19 de agosto

Angelo Roberto Antoniolli, reitor da Universidade Federal de Sergipe

A Universidade Federal de Sergipe viveu no dia 19 de agosto deste ano um dos episódios mais tristes de sua história com o assassinato da jovem Danielle Bispo Santos. Ela era funcionária da Boa Mesa, empresa que presta, em caráter emergencial, o serviço de elaboração das refeições para o Restaurante Universitário, localizado na Cidade Universitária.

Seu fatídico assassinato cometido por seu ex-companheiro fez com que Danielle se somasse à lamentável estatística brasileira e sergipana de violência e, mais especificamente, da violência contra a mulher.

Não podemos negar que, com o advento da Lei Maria da Penha, a sociedade brasileira tenha avançado na discussão da violência doméstica e familiar, mas, frente aos atuais acontecimentos, e na condição de membros de uma comunidade acadêmica, também devemos reconhecer que precisamos aprofundar e ampliar o diálogo sobre essa grave questão. Isto porque ao tratarmos intelectualmente problemas que afligem a sociedade, contribuímos de forma ativa para a qualificação da discussão pública e para a transformação da sociedade através da produção e difusão de novas ideias e conhecimentos.

Assim, como uma forma de honrar a memória de Danielle e das mulheres que como ela foram vítimas da violência doméstica e familiar e de ratificar o compromisso da UFS com o desenvolvimento cultural e social do estado, decidimos instituir o dia 19 de agosto como um dia de combate à violência contra a mulher na UFS. O dia será dedicado a fomentar um debate na sociedade sergipana sobre esta questão, possibilitando também a posterior criação de um Observatório Social sobre o tema.

Seguindo um movimento natural, a comoção provocada pela morte de Danielle também suscitou a abertura de uma discussão sobre segurança no campus.

Para lidar com o problema da contravenção e da criminalidade em seus campi, outras universidades estão implantando diferentes modelos de gestão da segurança, o que tem se revelado um processo complexo, pois envolve não apenas decisões técnicas, orçamentárias e de foro legal como também a definição de um modelo de relacionamento da instituição com as comunidades interna e externa. Por isso foi constituído um grupo de trabalho, composto por representantes da comunidade acadêmica, com o objetivo de discutir e apresentar propostas para uma política e estratégias de segurança para a UFS.

Por acreditamos no poder legitimador da discussão coletiva no processo de tomada de decisões, temos buscado nesta gestão estreitar o diálogo com todos os setores que compõem nossa universidade. Isso tem sido feito não apenas por meio de reuniões e encontros setoriais, mas também através do fortalecimento do instrumento das comissões. Neste âmbito, também destacamos a comissão do Plano Diretor Físico Participativo e Sustentável da UFS, coordenada pelo Vice-Reitor, professor André Maurício Conceição de Souza, e que conta com a participação de representantes de todos os campi.

Como instrumento básico para orientar a política de ordenamento e desenvolvimento sustentável dos espaços físicos da UFS, esta comissão é um espaço institucional privilegiado para a discussão e elaboração do projeto de universidade que queremos. Mas para que o seu trabalho final reflita os interesses e anseios daqueles que fazem parte da UFS precisaremos contar também com a participação de toda a comunidade. Porque somente com a participação de todos os interessados é que poderemos construir uma UFS cada vez mais forte e inclusiva. ■

Para os que desejam participar dos debates, dar sugestões ou ajudar de alguma maneira na elaboração do Plano Diretor, a comissão criou um e-mail: planodiretorufs@gmail.com.



Os limites da educação

Luiz Eduardo Oliveira, professor do Departamento de Letras Estrangeiras

Não são novas as críticas à escola, em particular, e à escolarização, de modo geral. Locke, já no final do século XVII, propunha uma educação particular, para a formação de um perfeito *gentleman*. O hábito de contratar preceptoras estrangeiras nas famílias abastadas já era corrente desde os tempos do Brasil colônia. Se antes a entrada da criança na escola podia ser comparada ao primeiro contato com o mundo, como diz o narrador de *O Atheneu*, de Raul Pompeia, depois ela passou a ser considerada uma prisão, uma perda das liberdades fundamentais da primeira juventude. O que as pessoas não entendem é que, a despeito do populismo pedagógico que perpassa os vários discursos atuais sobre a educação, o fundamento da escola, como dispositivo preponderante no processo de aculturação, ou "civilização", como se dizia antigamente, da sociedade, é justamente a consciência dos limites do indivíduo. Nesse sentido, a educação tem muito mais a ver com a ideia de limitação das liberdades individuais do que com o seu exercício, pois para a convivência em sociedade, assim como para a tolerância do diferente e aceitação do Outro, faz-se necessária a consciência dos direitos desse Outro, bem como de nossos deveres para com ele.

Com efeito, uma transformação do final da Idade Média ocidental que contribuiu para a configuração da era moderna ocorre no processo de transmissão cultural. Se antes as normas sociais que regiam a vida coletiva eram passadas de geração em geração, mediante uma espécie de impregnação, no ambiente familiar ou corporativo em que o indivíduo nascia e se desenvolvia, integrando-se na sua comunidade, aos poucos essa transmissão foi se tornando objeto de uma ação educativa especializada. Para tanto, foi de suma importância o novo sentido adquirido pela palavra "mudança", associado ao conceito de "plasticidade", segundo o qual o mundo pode ser moldado e o homem transformado. É a partir de então que a criança vai ser tratada de modo especial, fazendo com que se desenvolva uma nova concepção de infância, caracterizada inicialmente pela ideia de que a criança é um ser vicioso e imoral que precisa se domesticar, e depois de que ela é inocente, sendo necessária a sua proteção. Tal preocupação com a infância irá concorrer para o processo de escolarização, sendo considerado um dos principais fatores da configuração da forma escolar.

Assim, a partir do século XVI, o papel educativo teria passado por um deslocamento das comunidades e das famílias para a instituição escolar, que por sua vez servia tanto aos interesses das duas Reformas quanto aos da burguesia em ascensão. O sistema de autoridade dos mestres sobre os discípulos, diferente da "comunidade" entre os mesmos; a organização das classes conforme as idades dos alunos; os procedimentos de controle do tempo e de suas atividades; e finalmente a implantação dos currículos escolares e do sistema de progressão, ou seriação, dos estudos, com o advento do exame, seriam os dispositivos fundamentais para a constituição da forma escolar. Como se sabe, uma das primeiras figuras do processo de profissionalização dos professores ocorre com o desmembramento da antiga cristandade em "confissões plurais" nos países protestantes. Nos católicos, tal processo inicia-se com os desdobramentos do Concílio de Trento. De um modo geral, poderíamos destacar duas fases na história da forma escolar. A primeira, até meados do século XVIII, seria caracterizada pelo domínio da Igreja, enquanto a segunda, que se estenderia até aos nossos dias, tal domínio, ou monopólio, ficaria a cargo do Estado. Mais do que duas histórias distintas, essas fases representam dois momentos de um mesmo processo: o da escolarização das crianças. Em tempos de superproteção de pais e de crianças e adolescentes agressivos que se revoltam perante qualquer tipo de atividade que exija disciplina, é mais do que necessária uma reflexão sobre os limites da educação. ■

PROGRAMA HERMES

A Universidade Federal de Sergipe lançou o programa Hermes, de apoio financeiro a atividades de pesquisa. O programa pretende fortalecer a pesquisa na universidade, com apoio institucional aos professores pesquisadores e grupos de pesquisa, além de contribuir para a consolidação da estrutura de registro da produção científica e tecnológica.

Dentre as formas de apoio, a universidade contribuirá com auxílio viagem, fomento à publicação e bolsa de pesquisa. Podem se candidatar ao programa os professores pesquisadores da instituição que estão vinculados a programas de pós-graduação strictu sensu ou recém doutores ainda não inseridos na pós-graduação.

NOVO MESTRADO

A Capes aprovou o funcionamento na UFS do curso de mestrado em Ciências da Religião, que envolverá diversos ramos do conhecimento: Filosofia, História, Letras, Antropologia, Sociologia e Artes.

O edital para o novo curso está previsto para ser divulgado em outubro de 2013. Serão disponibilizadas dez vagas. Durante os três primeiros anos do curso, como meio de consolidação, a UFS fará uma parceria com a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), considerada uma das melhores do país na área.

Ao todo, 12 professores comporão o quadro docente do mestrado. O curso de graduação em Ciências da Religião faz parte da grade da UFS desde 2012.

UFS Notas

VII OLIMPÍADA AMBIENTAL

A Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (Semarh) premiou alunos da UFS que concorreram com trabalhos e projetos na VII Olimpíada Ambiental de Sergipe. A premiação aconteceu no dia 3 de junho no Teatro Tobias Barreto.

Na modalidade Arte, categoria Superior, quem recebeu uma caderneta de poupança no valor de R$ 1.000 foram os acadêmicos Crislayne Môra da Cunha, do curso de Nutrição, Jhonata da Silva Lopes e José Adeilson Santos da Silva (ambos de Engenharia Civil). Eles foram orientados pelas professoras do Departamento de Engenharia Civil Débora de Gois Santos, Denise Conceição de Gois Santos Michelan e Luciana Coêlho Mendonça. A equipe foi premiada com o cartaz "Sustentabilidade das Águas Urbanas, já!".



Arquivo pessoal

■ Equipe da modalidade Arte exibe premiação

O grande vencedor da modalidade Produção de Texto, categoria Ensino Superior, foi o aluno Diego de Mendonça Gois. Ele produziu uma cartilha educativa sobre as águas urbanas com o já graduado Cleverton de Rezende. O trabalho teve a orientação da professora Márcia E.S. Carvalho, do Departamento de Geografia.

PÁGINA INTERNACIONAL

A Assessoria de Comunicação (Ascom), em ação conjunta com a Coordenação de Assuntos Internacionais e de Capacitação Docente e Técnico (CICADT) e com o Setor de Assessoria Linguística para Assuntos Internacionais (Setac), lança a página internacional da UFS em língua inglesa. A página traz informações básicas da instituição como um resumo de sua história, localização, estrutura multicampi e links para as páginas no Sigaa dos cursos de pós-graduação e de graduação.

A página internacional tem como um de seus objetivos ampliar as possibilidades de acesso a informações institucionais para alunos e universidades estrangeiros, de modo a despertar o interesse em estudar na UFS e facilitar o estabelecimento de parcerias. Para Ana Karina, chefe do Setac, a página pode ainda proporcionar o intercâmbio de estudantes e ampliação das pesquisas da casa.

PRÊMIO BNB DE JORNALISMO

"Cultura popular e desenvolvimento social do Nordeste: das Gravuras de Inverno à Bonita Maria do Capitão" foi o tema da reportagem produzida pela jornalista e coordenadora de programação da Rádio UFS FM, Juliana Almeida, que venceu a etapa regional (que envolve Piauí, Sergipe, Alagoas e Espírito Santo) do prêmio BNB de Jornalismo 2012. A reportagem traz a história de projetos como o do livro 'Bonita Maria do Capitão' de autoria da jornalista Vera Ferreira e da professora da UFS Germana Gonçalves de Araujo, cujo projeto gráfico foi finalista do Prêmio Jabuti.

45 ANOS

Com uma programação compreendendo dez eventos, iniciaram-se no dia 3 de maio as festividades dos 45 anos da Universidade Federal de Sergipe. O último dos eventos ocorreu em 15 de maio, dia do aniversário, com a tradicional sessão solene dos Conselhos Superiores para a concessão de títulos e honrarias, no Teatro Atheneu.



Selo: Germana Gonçalves

■ Selo comemorativo criado para marcar a data

Na página especial criada pela Assessoria de Comunicação encontram-se informações sobre a história da instituição, galeria de reitores, professores e técnicos homenageados, selo comemorativo, além de notícias acerca do evento e spots para rádios. Acesse: www.45anos.ufs.br

Criada oficialmente em 15 de maio de 1968, a UFS é proveniente da criação da Faculdade de Ciências Econômicas e da Escola de Química (1948), da Faculdade de Direito e Faculdade Católica de Filosofia (1950), da Escola de Serviço Social (1954) e da Faculdade de Ciências Médicas (1961).

BIBLIOTECA DE LAGARTO

Como parte das comemorações pelos 45 anos da instituição, foi inaugurada no dia 13 de maio a Biblioteca do Campus de Lagarto (Bilag). O evento representa a entrega do



Schirlene Reis/AscomUFS

■ Fachada da Biblioteca do campus de Lagarto

primeiro prédio do campus definitivo da UFS na cidade. Segundo Mário Adriano, diretor geral do campus, toda a estrutura da Bilag foi desenvolvida para que ela seja uma biblioteca moderna, cuja maior funcionalidade será estar à disposição do aluno e da comunidade mesmo que eles não estejam dentro da edificação em si, pois contará com uma grande quantidade de livros eletrônicos.

Atualmente o acervo da Bilag já ultrapassa os dez mil exemplares. Situada numa área de mais de 4,2 mil m², o valor investido na nova Biblioteca é de cerca de R$ 5 milhões de reais.

Parceria para plano de saneamento básico da capital

O prefeito de Aracaju, João Alves Filho, e o reitor da UFS, Angelo Antoniolli, assinaram no dia 25 de junho, no Centro Administrativo Prefeito Aloísio Campos, o convênio para a elaboração do Plano de Saneamento Básico da capital sergipana. O plano será elaborado com o objetivo de apresentar o diagnóstico e definir o planejamento para o setor de acordo com a lei federal nº 11.445/2007.

"No mundo moderno o que vale é o conhecimento. Estamos recebendo, através da universidade federal, talentos que

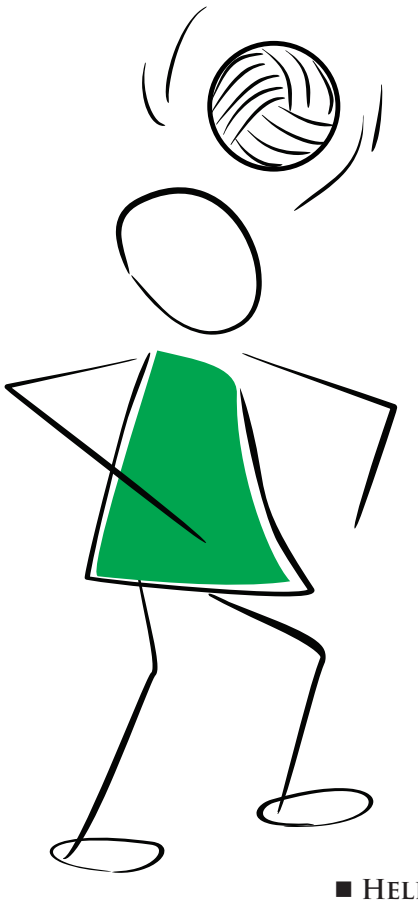


Schirlene Reis/AscomUFS

■ Reitor e prefeito da capital assinam termo

pensarão em um futuro melhor para os aracajuanos. A UFS conta hoje com 900 doutores, e o magnífico reitor nos traz esses talentos para nos ajudar", explicou João Alves.

O reitor da UFS, Angelo Antoniolli, agradeceu ao prefeito pela oportunidade que a universidade tem de abrir diálogo com a população. "Temos uma quantidade bastante significativa de doutores nas diversas áreas do conhecimento que fazem um Sergipe melhor. A nossa proposta de ação é conjugar os esforços com o município para fazer um Estado mais forte. Esse é um tema de extrema importância para a sociedade e que a prefeitura tem uma responsabilidade muito grande. Estamos aproximando as instituições e quem ganha com isso é povo sergipano".



Quando o futsal vira dor de cabeça

Estudo verifica níveis de estresse e de recuperação em atletas do futsal sergipano

■ Helena Sader
■ Márcio Santana

Os atletas que apresentam alto rendimento em diversas modalidades esportivas são geralmente os que se destacam e que, posteriormente, batem recordes e levam medalhas para casa. Mas, para alcançar esse patamar, eles têm de fazer um grande esforço relacionado a uma combinação de treinamento técnico e físico especializados.

As atividades físicas contribuem para a melhora do condicionamento físico, da força muscular e até das habilidades psicomotoras. Mas o desempenho de qualquer modalidade esportiva que envolve atividade física, se não feito corretamente, pode trazer muitas respostas fisiológicas que causam transtornos ao organismo do ser humano.

O treinamento físico-esportivo é um desafio ao equilíbrio corporal e um meio para atingir níveis mais elevados de rendimento físico em atletas. Quando a sobrecarga de trabalho não obedece a um equilíbrio entre a intensidade de treinamento e os períodos de recuperação, o atleta poderá experimentar a queda do seu desempenho físico decorrente do estresse, que pode vir de várias maneiras: bioquimicamente, fisicamente ou psicologicamente.

É o que mostra a pesquisa do estudante de mestrado Aureliano Carlos Araújo, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. Os estudos foram desenvolvidos sob orientação do professor Antônio César Cabral de Oliveira, e têm a proposta de detectar os níveis de estresse e de recuperação em atletas de alto rendimento que buscam nível de competição. A ideia da pesquisa surgiu quando os acadêmicos perceberam que algumas metodologias de treinamento aplicadas no futsal sergipano não respeitavam as condições de recuperação do organismo dos atletas.

> **“Os atletas do futsal sergipano estão abaixo do nível da modalidade no condicionamento físico**

Overtraining

Para a realização da pesquisa, foram utilizados dados referentes a atletas que atuam no futsal profissional nas cidades de Aracaju e Nossa Senhora do Socorro. Apesar de ter sido estudado o futsal no contexto sergipano, Aureliano e Cabral afirmam que a problemática de falhas nos métodos de treinamento é uma realidade além da sergipana. Quando o organismo faz exercícios de forma inadequada, não respeitando os intervalos de tempo de recuperação, o corpo entra no chamado *overtraining*. É o que, segundo os pesquisadores, está acontecendo no futsal de Sergipe e tem feito com que alguns atletas abandonem suas carreiras precocemente. “Muitas pessoas acreditam que, por serem atletas treinados, isso inibe de alguma maneira a formação de agentes estressantes”, explica o professor Cabral.

A atividade física por si só já é considerada um agente de quebra do equilíbrio corporal. O estresse é apresentado, geralmente, naqueles atletas que estão inseridos no ambiente competitivo do esporte. E segundo Aureliano, os atletas profissionais do futsal sergipano estão abaixo do nível da modalidade. “Em nível de condicionamento físico, os atletas de Sergipe estão muito inferiores se comparados a atletas de nível nacional e internacional”, comenta o mestrando.

A diferença negativa no nível de condicionamento físico é medida através de uma razão entre os hormônios cortisol e testosterona. A testosterona é um hormônio anabolizante, ou seja, produz massa muscular. Já o cortisol se encontra na categoria de hormônios catabolizantes, que destroem os tecidos. Na medida em que o sangue apresenta concentrações de cortisol em maior quantidade que as de testosterona, significa que o atleta, ao invés de estar



Foto: Márcio Santana/AscomUFS

■ Aureliano coletou dados de atletas do futsal profissional de Aracaju e Nossa Srª do Socorro

produzindo tecido, está perdendo-o. De acordo com as pesquisas realizadas por Aureliano, a coleta de dados demonstrava que os níveis de cortisol estavam mais elevados que os de testosterona no sangue dos atletas. "A partir do momento em que analisamos os exames de sangue, percebemos que o trabalho físico dos atletas está inadequado", afirma Aureliano.

"Embora todas as pessoas tenham a possibilidade e a capacidade de praticar qualquer esporte, o que diferencia o atleta do praticante é o aspecto de ir além do limite". Para o professor Cabral, essa é uma realidade que pode preocupar. Um treinamento sistemático, científico, calculado, certamente provoca alterações. Os atletas de alto rendimento dão o máximo da capacidade física. E para alcançar degraus cada vez mais altos, muitos dos atletas não conseguem estabelecer o seu limite físico e, com isso, podem prejudicar o organismo.

"A atividade física sistemática, científica, calculada, certamente provoca alterações

O organismo reage

Com a intensidade do estresse e seus efeitos no organismo, é esperada alguma reação do corpo diante das agressões externas. Esses mecanismos de defesa são chamados de defesas endógenas. "O organismo que é agredido sistematicamente é diferente daquele do 'atleta de final de semana'. Ele precisa se defender", afirma o professor Cabral. Segundo o estudo, toda vez que o atleta é submetido a um ritmo de treinamento regrado, com o tempo seu organismo percebe e desenvolve defesas que fazem uso exacerbado de energia e podem acarretar prejuízos à evolução do próprio organismo. Para combater esses "inimigos" do corpo humano, o organismo eleva algumas proteínas e hormônios.

O treinador que possui conhecimento necessário na área pode ajudar o atleta a combater esses danos. A princípio, pode auxiliá-lo na compreensão do *overtraining*. O entendimento desse quesito é fundamental tanto para o atleta quanto para o treinador. Mas, no decorrer de muitos anos de treinamento, o próprio atleta percebe quando o organismo já não responde da mesma forma. Nesse momento é que a autoridade do treinador deve entrar para auxiliar o atleta.

"No decorrer de muitos anos, o atleta já não responde da mesma forma

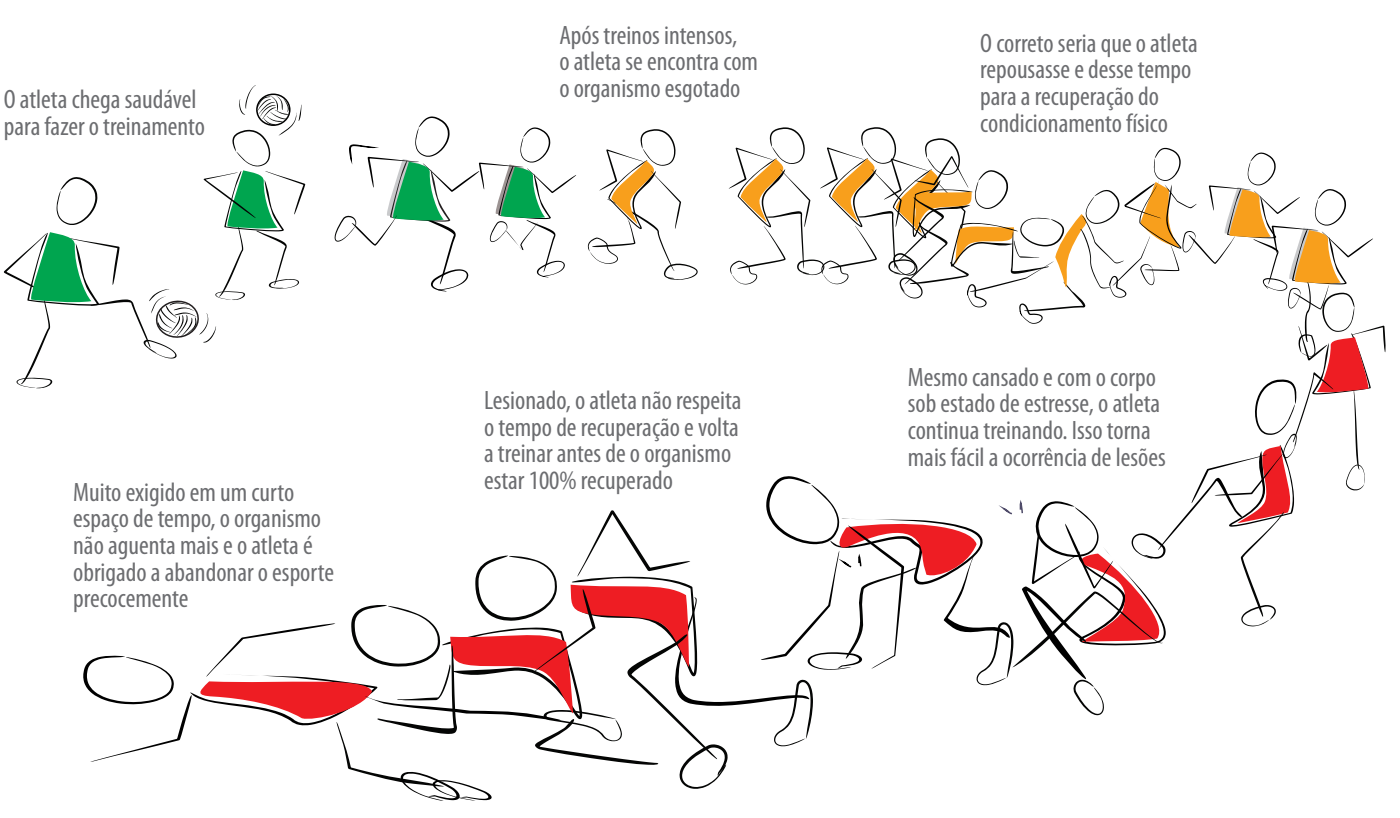
Todo treinador desejaria que seu pupilo se mantivesse na atividade física o máximo de tempo possível. Mas, é preciso uma atenção especial para com a saúde do atleta. Para Aureliano, é isso que atrapalha o desenvolvimento das equipes. "Os treinadores preparam atividades intensas para obtenção do resultado e acabam esquecendo que estão lidando com seres humanos. O atleta, em si, vai corresponder, porque ele também quer o sucesso. Mas aí, nesse caminho, a saúde, que é o ponto crucial, é esquecida". ■



Foto: Schirlene Reis/AscomUFS

■ Cabral: "Organismo agredido sistematicamente é diferente daquele do atleta de final de semana"

ENTENDA O OVERTRAINING



Arte: Sandra Freire/AscomUFS

História do futebol de salão no estado de Sergipe

Com o surgimento do futebol de salão na década de 1940 no Sul do país, o esporte da bola pesada despertava emoções e fazia sucesso entre os jovens brasileiros. Em cada estado do Brasil o futebol de salão caía no gosto da população, e em pouco mais de 20 anos transformava-se em um esporte definitivamente popular.

Em Sergipe não foi diferente. No início, crianças, jovens e adultos improvisavam o esporte nas ruas e nas escolas. Após a construção de quadras especializadas para o futebol de salão, a modalidade começou a ter um número maior de praticantes. Começaram os torneios de bairros, campeonatos de escola, peladas, enfim, o esporte abrangia curiosos, iniciantes, amadores e profissionais.

Naquela época, por volta da década de 50, o esporte foi implantado nos principais clubes da capital, a exemplo da Associação Atlética de Sergipe, Iate Clube de Aracaju e Vasco Esporte Clube. O futebol de salão era a principal atividade entre os atletas sergipanos.

Com a expansão do esporte, foi necessário fundar um grupo que administrasse as regras, os clubes e as competições daquela época. Para isso, no final da década de 50, mais precisamente, no dia 30 de abril de 1959, surgia a então Federação Sergipana de Futebol de Salão, hoje definida como Federação Sergipana de Futsal (FSFS).

Fonte: Manuel Meneses Cruz, no site da Federação Sergipana de Futsal.

Trabalho voluntário

Edson Nova
Jéssica Vieira

O que leva as pessoas a se engajar nas atividades de cunho voluntário? Dissertação mapeou o perfil dos participantes de duas instituições em Sergipe

Voluntariar-se para ajudar o próximo, principalmente quando se está diante de um sério problema de saúde, é comumente associado a uma estreita ligação entre os envolvidos. Desde que a pescadora Maria Vieira, 27, descobriu que sua pequena Luziane, 7, estava com leucemia, seu desejo em dar suporte a outras crianças se tornou ainda maior. "Eu gostaria de trabalhar como voluntária. Vejo a situação de muitas mães e, se eu tivesse condições, trabalharia para ajudá-las também", diz Maria Vieira.

Para muitos, esse desejo retrata a convivência diária com a doença da filha. No entanto, as motivações que levam ao trabalho voluntário vão muito além.

É o que mostram os trabalhos da aluna Raquel Sousa, pesquisadora do Núcleo de Pós-Graduação em Ciências Sociais (NPPCS) da UFS, que têm por finalidade compreender o que leva alguém ao trabalho voluntário e a influência dos meios de socialização nesse processo. Como objeto de estudo, Raquel escolheu os voluntários da Associação dos Voluntários a Serviço da Oncologia em Sergipe (Avosos) e do Grupo de Apoio a Criança com Câncer em Sergipe (GACC - SE). "Pensava que iria encontrar pessoas que tinham convivido com isso em sua família, mas a maioria não foi direcionada por já ter vivido experiência com câncer", conta Raquel.

Seus estudos partem da hipótese de que não é a vontade individual que leva as pessoas a serem voluntárias, mas que a motivação parte do envolvimento em diferentes contextos sociais, como escolar, familiar e religioso. Logo, a identificação com valores e ideias depende muito da interação com outras pessoas e outros grupos.

> **"Entre voluntários, maioria é do sexo feminino e de famílias a princípio humildes**

O perfil dos voluntários

Estudando os voluntários da Avosos e do GACC, Raquel percebeu que a influência da família e de uma religião, principalmente católica e a espírita, é fundamental na motivação. Dentre os entrevistados, a grande maioria é do sexo feminino, natural de Aracaju, e se diz pertencente a famílias humildes que conseguiram depois um maior poder aquisitivo. Entretanto, apesar dessas semelhanças, o tipo de socialização que viveram é bem diferente: existem filhos de professores, lavradores, carpinteiros, funcionários públicos, dentre outros.

"Estamos diante de pessoas com a mesma disposição em ajudar, mas cujas motivações surgem pelos mais diversos motivos. Vontade de trabalhar muitos têm, mas se dispor ao trabalho realmente é mais comum quando há essa motivação dada diretamente por alguém próximo", explica Raquel.

Segundo ela, grande parte dos entrevistados contou que seus pais possuíam um baixo nível escolar, embora a maioria deles tivesse chegado ao nível superior. Ainda assim, o estudo revela que os voluntários descrevem seus pais como inteligentes e bons educadores. "Muitos dos pais citados como humildes viam a entrada dos filhos numa universidade como forma de comprovar sua competência enquanto educadores", salienta a pesquisadora.

Outra característica marcante dos voluntários é a passagem por escolas religiosas da rede católica de ensino. É o caso da aposentada Nanci Moreira de Melo, 60, católica de batismo e voluntária da Avosos há dez anos. "Acho que o trabalho voluntário tem a ver comigo desde a minha formação. Sempre tive essa vontade de servir aos outros, mas não sei ao certo se a religião contribuiu para isso", diz ela, que trabalha na elaboração de eventos e canta contralto no coral.

"Boa parte dos pais, também católicos, via nessas escolas não só uma qualidade pedagógica melhor, mas também uma continuação dos valores morais transmitidos em casa. Logo a educação da família, chamada de socialização primária, e a educação escolar, a socialização secundária, ajudaram a formar a cultura do altruísmo. A maior parte dos voluntários herdou a religião ensinada pelos pais, e mais fortemente a religiosidade vivida pela mãe, mesmo quando os



Fotos: Adilson Andrade/AscomUFS

■ Voluntárias fazendo trabalho artesanal na sede da Associação a Serviço da Oncologia (Avosos)

próprios pais mudaram de religião anos depois", explica a discente Raquel Sousa.

Redes Sociais

Suas pesquisas constatam ainda que as redes sociais são fundamentais não só para criar o estímulo, mas também para direcionar os voluntários ao trabalho. Assim, dentre outras possibilidades, eles escolheram o voluntariado por uma série de motivos, dentre eles as redes sociais através das quais interagiram. "Não estamos falando aqui sobre as redes sociais como comunidades da internet, mas como os grupos sociais de atuação com os quais cada pessoa está envolvida", explica Raquel.

> **"Família, religião e outros contextos sociais ajudam a formar o engajamento**

Ela diz ainda que há redes formais - como escolas, empresas e outros grupos organizados - e redes informais - como a audiência de programas midiáticos, relações familiares e de amizade – e que a maioria dos entrevistados havia se relacionado com alguém já envolvido na causa do câncer. Outra parte foi incentivada por anúncios de rádio, televisão e panfletos impressos, e um grupo menor havia enfrentado a doença na família.

Os estudos também apontam que muitos dos entrevistados já participaram de algum tipo de sindicância. Dessa forma, pode-se concluir que os valores morais e a vontade de trabalhar são pontos distintos do engajamento social, que é outro. "Cada um tem sua história de vida, mas a pesquisa mostra que existem contextos de socialização em comum, principalmente a família e a religião formando a vontade, e outros contextos sociais formando a prática do engajamento", destaca Raquel, que percebeu diferenças entre os voluntários da Avosos e do GACC.

"No GACC os voluntários têm um perfil mais jovem e universitário. Já na Avosos, há um número maior de pessoas mais maduras", diz ela, afirmando ainda que muitos deles enxergam o voluntariado como um trabalho, tornando-o um verdadeiro objeto de estudo.

Trabalhando com crianças desde os 18 anos, Maria Oliveira decidiu continuar o contato com elas após sua aposentadoria. "Tornei-me voluntária por causa das crianças. Adoro trabalhar com elas porque trazem uma alegria infinita dentro de si. Além disso, acredito que a religião seja mesmo uma influência para o voluntariado", diz ela, que é psicopedagoga e já fez um estudo com crianças a fim de identificar quais delas tinham dificuldade de aprendizado e de que forma essas dificuldades poderiam ser resolvidas.

A pesquisa

O estudo de Raquel faz parte do Laboratório de Estudos do Poder e da Política (LEPP). Fundado em 2007, o LEPP desenvolve uma série de estudos sobre engajamento e militância, como o de Raquel sobre a causa do câncer, mas também sobre ambientalismo, sindicalismo, entre outros. Hoje o LEPP integra os programas de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia, mas os cerca de 30 projetos atualmente em andamento vão desde a iniciação científica na graduação até o doutorado.



■ Raquel Sousa, autora da pesquisa, e seu orientador, professor Ernesto Seidl



"Precisava-se criar um espaço para discussão e treinamento de pesquisadores em torno de algumas temáticas, principalmente de grupos dirigentes e formas de participação política", diz o professor Ernesto Seild, um dos coordenadores do LEPP e orientador da pesquisa de Raquel Sousa. O laboratório está preparando uma antologia, organizada pelo professor, e também coordenador, Wilson de Oliveira, com artigos de vários pesquisadores. Entre eles, a agora mestre Raquel Sousa. ■

Estudo publicado pela Charities Aid Foundation (CAF) revelou que o Brasil ocupa apenas a 83ª posição no ranking de países mais generosos em doações. Apesar disso, o país aparece entre os dez primeiros colocados em alguns outros índices da pesquisa "World Giving Index 2012 – A global view of giving trends". Confira abaixo:

Ranking de países por tempo gasto com trabalho voluntário

Ranking	País	Pessoas (m)
1	Estados Unidos	105
2	Índia	87
3	Indonésia	73
4	China	44
5	Filipinas	27
6	Nigéria	24
7	Japão	23
8	Rússia	21
9	Brasil	18
10	Alemanha	16

Ranking de países por número de pessoas doando dinheiro

Ranking	País	Pessoas (m)
1	Índia	165
2	Estados Unidos	143
3	Indonésia	126
4	China	109
5	Tailândia	39
6	Reino Unido	37
7	Japão	36
8	Brasil	35
9	Alemanha	31
10	Irã	16

Ranking de países por número de pessoas ajudando a estrangeiros

Ranking	País	Pessoas (m)
1	China	283
2	Estados Unidos	178
3	Índia	165
4	Indonésia	76
5	Brasil	65
6	Nigéria	53
7	Paquistão	48
8	Bangladesh	44
9	Irã	40
10	México	38

(m) = Milhões de pessoas

Para dados completos, acesse: https://www.cafonline.org/PDF/WorldGivingIndex2012WEB.pdf

Dados sobre as duas instituições pesquisadas

GAAC-SE Fundado em 21 de outubro de 1999, o Grupo de Apoio à Criança com Câncer de Sergipe (GACC-SE) tem por objetivo humanizar o tratamento oncológico infanto-juvenil no Estado. Atualmente, 70 voluntários – entre 16 e 60 anos – estão cadastrados para atender as 75 crianças vinculadas à instituição . E o melhor: todos podem ajudar.

"Qualquer pessoa pode se candidatar ao voluntariado no GACC, basta ter vontade de ajudar o próximo. Entretanto, é necessário participar de um processo seletivo e, caso o candidato seja menor de idade, deve ter a autorização de um responsável", explica Marieta Melo, coordenadora de Voluntários do GACC.

Contato: Av. Desembargador Maynard, 654, bairro Cirurgia. Contato: (79) 3211-5642. E-mail: atendimento@gacc.se.org.br

AVOSOS A Associação dos Voluntários a Serviço da Oncologia em Sergipe foi fundada em 24 de julho de 1987 com o objetivo de acolher e prestar assistência necessária a crianças e adolescentes com câncer e doenças hematológicas crônicas a fim de que não deixem de realizar o tratamento.

Para auxiliar nesse trabalho, uma equipe de 140 voluntários se reveza diariamente na instituição, no Centro de Oncologia do HUSE e no SOHEP, atendendo os 400 acolhidos pela instituição.

Para ser voluntário da associação, o interessado deve ter, no mínimo, 21 anos e participar dos cursos oferecidos a fim de compreender o papel do voluntariado. Ao término dos cursos, ele poderá escolher sua área de atuação.

Contato: Rua Manoel Curvelo, 55, Suíssa. Contato: (79) 3212-4700. Email: avosos@avosos.org.br



Entrevista

A dona do Jabuti

Maria Lúcia Dal Farra

■ Por Márcio Santana

Arte

ao Francisco José

Não distingo o que queres
e nem triunfo sobre
o enigma que nos atrai
(assim dessemelhantes).
Mas se adivinho o que há
  [dentro do teu cenho
e se (acaso)
empreendo o que (querendo)
  [não fazes por
consumar -
ganho (em troca)
a solidão patética de quem erra
por acertar.

O amor é isso:
cisco que tolda a vista
tão só pra se enxergar.

[Fonte: *Alumbramentos*]

Nordeste

Ar parado.
Um sol de secar até a alma.
O cachorro pachorrento
nem abre os olhos vermelhos
para afrontar (lobisomem)
as moscas que lhe ilustram o sono.

Muruins estão azedos.
No longe uma mulher
  [derruba os tempos.

A gente aguarda trovoada.
[Fonte: *Livro de auras*]

Vestido, unhas e sandálias lilases. No rosto, um sorriso franco. À sua volta, um aconchegante casarão colonial e alguns dos mais de cem gatos que ali vivem. Na voz, um sotaque de quem não nasceu ou não se criou por essas bandas.

Mas a senhora que nos recebeu na Fazenda Lajes Velha para esta entrevista, embora natural de Botucatu, estado de São Paulo, é cidadã sergipana desde 2003, e há mais de duas décadas vive ali, no interior de Sergipe, com seu esposo, o escritor Francisco Dantas.

Com seu terceiro livro de versos, *Alumbramentos*, papou o Prêmio Jabuti (2012) na categoria Poesia e foi, em seguida, homenageada pela Universidade Federal de Sergipe com a Medalha de Mérito Cultural, durante cerimônia que marcou os 45 anos da instituição da qual é professora aposentada.

Trata-se de alguém que conhece o seu ofício desde dentro, sendo referência mundial nos temas e autores a que dedica suas pesquisas em Literatura e possuidora de um currículo acadêmico respeitado.

Antes de lecionar literatura portuguesa na UFS (1998), trabalhou com Antonio Cândido na Unicamp em 1975, foi professora na Universidade de São Paulo (USP), onde concluiu seu mestrado e doutorado, e deu aulas na Universidade de Berkeley (Califórnia, 2002).

Obteve pós-doutorado pela École Pratique des Hautes Études de Paris (1981) e pela Universidade de Lisboa (1985), além de livre-docência em Literatura Comparada pela Unicamp (1987).

Hoje, mesmo aposentada das salas de aula, segue a toda marcha com suas pesquisas, orienta alunos mundo afora, e é bolsista de Produtividade do CNPq.

Do alpendre de sua residência, a professora, pesquisadora e poeta Maria Lúcia Dal Farra concedeu esta entrevista ao Jornal UFS:

> **“Embora não toque mais, a música está totalmente integrada à minha atividade poética**

Uma pergunta de sempre: Como você começou a escrever? Sempre foi seu principal interesse?
Sou filha, neta e bisneta de professores. Quando meus pais imigraram da Itália para o Brasil, minha mãe era professora; então, sou de uma família de gente que lê e escreve, minha mãe é cronista, meu pai também... Era um pouco óbvio que a gente desse para as letras e para a música, porque a família toda era de músicos, leitores e professores. Minha mãe está com 94 anos e até hoje é cronista de um jornal em Botucatu. Meu pai era professor, desenhista, heraldista e músico. Eu escrevo desde muito criança, fui alfabetizada antes do tempo, e sempre li muito. Comecei a escrever muito cedo, mas antes de ir para a universidade fiz toda uma vida de pianista e cantora lírica. Hoje em dia, já não canto nem toco. Fiz canto lírico, fui aluna de conservatório, depois fiz dois anos de virtuosismo com o maestro Souza Lima, da Semana de Arte Moderna. E eu ia seguir a carreira, mas lá pelas tantas me encantei tanto pela Literatura que resolvi que ia mergulhar nisso mesmo; eu estava muito decidida àquela altura a ser professora de Literatura e a ser escritora e poetisa.

Curioso o uso deste termo. Algumas pessoas não lidam muito bem com essa coisa de “poetisa”...
O vocábulo está impregnado de uma certa ideologia machista, sobretudo em Portugal. Eu faço questão de ser chamada de poetisa. Não tenho problema com isso, as pessoas é que têm: no Brasil, das pessoas que fazem poesia, ninguém gosta dessa acepção; eu entendo bem a razão.

Quais foram as suas primeiras influências nessa trajetória como escritora?
É engraçado, porque, por exemplo, meu tio tinha alguns livros de Kant e eu li aquilo com 12 a 13 anos e achei uma beleza, mas não

Foto: Arquivo pessoal

entendo até hoje. Depois, uma coisa que me chamou muitíssimo atenção foi Machado de Assis. A primeira obra que li dele, Memórias Póstumas de Brás Cubas, marcou a minha vida profundamente – por exemplo, a decisão de nunca ter filhos vem daí, acredita? E naquela altura, eu lia e gostava muito de dizer poesia. Tocava com meu pai na minha casa o Angelino de Oliveira, autor de *Tristeza do Jeca*. E desde muito jovem que participo dessas "boemias". Antes de estudar canto lírico, e de a minha voz mudar, cheguei a me apresentar com meu pai até no programa de calouros do Ary Barroso.

> **"Antes de publicar meu primeiro livro, escrevi outros sete que guardei na gaveta**

Você enxerga reflexos dessa sua formação e convívio com a música na sua poesia?
Sem dúvida. Tem tudo a ver com a poesia: a música, o ritmo, a sonoridade das palavras e o que eu faço em poesia. Na verdade, eu nunca abandonei a música. Muito embora não toque mais — sou um fiasco hoje tocando ou cantando — essa música está totalmente integrada à minha atividade poética, porque é algo que grudou em mim eternamente e que faz parte da minha integridade pessoal.

Quando escreve, você intencionalmente busca um público específico, mais restrito?
Eu acho que é um destino de certo tipo de poesia, em contraposição a uma poesia de massa, que está se cumprindo assim. Vem a partir de Baudelaire para cá, quando se abre uma vertente significativa de poesia e que quer chamar a atenção sobre sua própria maneira íntima de produção. A minha trajetória é aparentemente mutável nesse sentido, porque na verdade eu sempre busquei as mesmas coisas, basicamente...



Foto: Márcio Santana/AscomUFS

■ Em casa, na fazenda Lajes Velha, com um dos mais de cem gatos de estimação que cria

O que você busca, e tem buscado desde o início, com a sua poesia?
Eu busco uma interlocução. Antes de publicar meu primeiro livro, escrevi sete livros inteiros que eu guardava na gaveta. E que nunca tive coragem de publicar. Então, publiquei muito tardiamente, só em 1994. Eu tinha 40 anos quando publiquei a minha primeira obra depois de ter passado por sete produções surdas, mudas, e fechadas na gaveta. Tive essa experiência comigo mesma. Quando cheguei no sétimo, disse para mim: agora eu vou ficar sem interlocução absoluta, porque já não tenho mais com quem falar, a não ser com meus pares que se foram para as cucuias. Então, vi que tinha de publicar. Mas não publicar aquelas coisas que tinha escrito. Tinha de começar uma obra nova. Eu vinha de uma experiência íntima, fechada, e que me levou a um impasse absoluto.

O que mudou na sua poesia em relação a dos livros que você mantinha guardado?
Houve uma época, quando estava cursando a universidade, em que eu escrevia poemas que eram absolutamente comunicativos, e eram muito apreciados. Até hoje pessoas que não vejo há 50 anos me encontram e perguntam: Maria Lúcia, quer ouvir? E declamam um desses poemas. Eu tinha uma dicção absolutamente comunicativa e depois a fui perdendo. Então, recomeço uma vida de poesia que tem um outro diapasão, mas que, ao mesmo tempo, tem essa preocupação, de unir esses dois lugares.

Foi aí que veio à luz seu primeiro livro?
Sim, eu tentei fazer uma coisa que fosse buscar uma conversa com o leitor, era uma poesia que ficava periclitando numa corda-bamba entre a tentativa de falar de algo que o leitor conhecesse e a tentativa de se debruçar sobre a maneira como essa poesia se faz. Então, o livro se chama *Livro de Auras,* porque é justamente uma tentativa de recuperação dessa alma benjaminiana numa época de massificação completa. O livro é dividido em três partes e eu dedico uma parte às coisas de mulher, depois a uma história familiar, e, por fim, às matérias mais rebaixadas da poesia, as coisas do cotidiano.

> **"A poesia precisa ir sempre respondendo e deixando espaço para mais e mais respostas**

Oito anos depois você publicou o *Livro de Possuídos*. Essa mesma busca repetiu-se?
Entendi que depois dessa tentativa com o *Livro de Auras* eu queria dar voz a uma espécie de tentativa feminina de trazer para o ventre aquilo que não se teve... uma forma de ler a obra alheia, e eu queria ler a arte plástica, e muito a pintura; depois procurei conhecer as frutas; só que não era um conhecimento puramente direto, mas passando por todo um universo de conhecimento e de cultura das frutas; eu fui ler Plínio, o Velho, para entender como poderia ler as frutas, legumes, enfim; mas sempre tentando despertar nelas aquilo que poderia ser eu, sempre tentando entender o mundo, mas não a partir do nada, a partir de uma tradição; o objeto não é aquilo que está ali, eu preciso de ajuda para isso; é um trabalho coletivo, de todos para todos — infelizmente, esses "todos", no final das contas, são muito poucos.

Como *Alumbramentos*, sua publicação mais recente, dialoga com seus outros livros e com essa tradição a qual você se refere?
Sempre estou atrás de uma linguagem poética mais precisa e encantatória (arranjo certamente contraditório). Não abdico nunca da música e do ritmo, da disposição estratégica da palavra no verso como maneiras de semear estilhaços de significações, como acesso a que se vislumbre aquilo que ainda mal pode ser dito, que o arco do sentido ainda não deu conta. Você sabe que a decodificação poética é parente (muito embora de outra natureza) do ofício detetivesco (já Pessoa escreveu um conto a propósito). Conhecer o sentido é trabalho de delucidação de um enigma que empurra para frente a decisão a respeito dele – decisão que é errante, intermitente, na verdade, porque essa resposta é que dá à obra a dimensão de seu tempo de existência. Enquanto ela interrogar ainda sobre o que diz estará viva. Mas a coisa não é assim tão simples, parecendo que ela dependeria do engendramento do mistério que instaura e que, portanto, bastaria ser obscura. Não; não é isso que digo. Não é preciso que seja obscura, mas sim que ela vá sempre respondendo e deixando espaço para mais e mais respostas que o tempo se incumbirá de fazer, porque ela mesma não pode responder o que interroga agora. Desse modo, cada obra é sempre um laço atirado para o outro, nó que o outro tenta desatar produzindo outro que lança, e assim por diante. A forma da tradição literária é essa: nós que, desatando-se, tecem outros que se lançam e daí indefinidamente, até o fim dos tempos, até que haja linguagem. Penso que *Alumbramentos* apenas mostra mais claramente esse processo a que me refiro. Cada capítulo leva o nome de uma obra com quem estou conversando, ali dedicada a desfazer e a refazer o nó que ela me lançou.

E quanto ao Jabuti, qual foi a sua reação à notícia do prêmio e o que mudou desde então?
Eu e Francisco estávamos em Montevideo, e comemorávamos o nosso aniversário. No retorno, liguei para a minha mãe e foi ela quem me contou, pois tinha lido nos jornais. Levei um susto bom, desses que curam soluço, sabe

O gato

Uma palavra para o gato: ágil.
Também unha, preguiça, pupila.
O resto
é o que ele
(entre uma e outra delas)
preenche de charme delgado –
enigmático.

Adoraria poder nele apalpar o pelo
e saber de que abstração é feito.
Mas (felino) ele se enrosca incisivo
no vão do meu pensamento
e dependura-se
(em telepática acrobacia)
nas suas prerrogativas.
Só me permite escrevê-lo
a contrapelo.

[Fonte: *Livro de auras*]

Lírica até

De tanto esperar pelo meu olhar,
enrubesceu. Aguardou-o
anos a fio
mas emana dela ainda
a mesma timidez
igual esperança. Há
(quem sabe)
uma indagação impossível
na boca rubra e natural.

A aura do objeto
mistura-se a seu cabelo
como se a existência
tivesse transcendido o momento
em que por certo nos encontraríamos.

Malgrado estar eu aqui –
tudo nela ainda espera por mim.

[Fonte: *Livro de possuídos*]

Ao leitor, [meu canibal inquieto

Cada palavra
(aqui)
se obstina em silêncio.

Contigo devoro os frutos da noite:
lua caiada em agonia
alguma chuva esparsa
[do lado boreal
poeira de estrelas profanando
o negro.

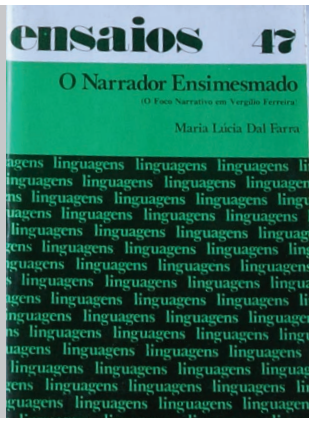
Só nossos dentes
brilham

[Fonte: *Alumbramentos*]

O NARRADOR ENSIMESMADO

"Nomeia o ponto de vista de primeira pessoa como objeto de estudo, encarando-o, ao lado do ponto de vista de terceira pessoa, como uma das formas narrativas de persuasão. As teorias sobre o foco narrativo são discutidas com a finalidade de tentar localizar, na maneira de articulação da linguagem, as diferenças e semelhanças entre uma e outra emissão romanesca."

167 páginas / 1978
Éditora Ática



A ALQUIMIA DA LINGUAGEM

Com o subtítulo "Leitura da cosmogonia poética de Herberto Helder", trata-se de pesquisa iniciada por Maria Lúcia em 1973 e que redundou na tese de doutorado defendida por ela na Universidade de São Paulo em 1979. A obra foi publicada em Lisboa na coleção Temas Portugueses pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

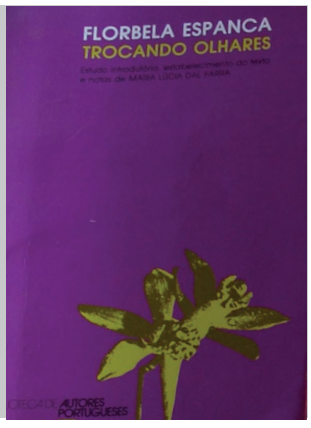
121 páginas / 1986
Imprensa Nacional Portuguesa



TROCANDO OLHARES

Coletânea da produção poética de Florbela Espanca. Reúne as obras escritas pela poetisa portuguesa entre 10 de Maio de 1915 e 30 de Abril de 1917. A coletânea foi publicada em Lisboa pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda, com um estudo introdutório, estabelecimento de textos e notas de Maria Lúcia Dal Farra.

ISBN: 9788572327664
143 páginas / 1994
Imprensa Nacional Portuguesa



À MARGEM DUM SONETO / O RESTO É PERFUME

Prefácio e fixação do texto por Maria Lúcia Dal Farra. Estes dois contos de Florbela Espanca "tratam da rara possibilidade de compreensão da alma feminina, tema recorrente de seus sonetos. Ambos os contos são marcados por traços característicos da prosa de Florbela".

ISBN: 9788575774502
64 páginas / 2008
Editora 7 Letras



SEMPRE TUA

Livro organizado por Maria Lúcia Dal Farra. "Estas cartas de amor, autógrafos de Florbela Espanca e conservadas inéditas até dezembro de 2008, foram escritas entre 1920 e 1925 para António Marques Guimarães, que tornar-se-ia o seu segundo marido. São as únicas cartas de amor do punho de Florbela Espanca".

ISBN: 9788573213300
400 páginas / 2012
Editora Iluminuras



como é? No caso, tratava-se da minha má fé nas premiações... Mas continuo a achar que isso se dá sempre por puro acaso pois que são muitas as variáveis que regem essa eleição e a arbitrariedade é a única constante que de fato vigora nesse *coup de dés* que, como diz Mallarmé, jamais abolirá *le hasard*. De lá para cá, minha rotina não mudou. Fico apenas mais segura (ou mais insegura) do que escrevo – portanto, entrou mais esse ingrediente na minha vida, ao qual acolho com certa ternura e agradecimento.

Você considera ter alcançado um ponto maduro na sua produção poética com este último livro?
Há sempre a ilusão de ter encontrado essa madureza em cada obra terminada. Mas, dali a pouco, basta que ela seja editada, você se dá conta de que não foi assim, que precisa recomeçar de outra maneira e buscá-la outra e sempre outra vez, de outros jeitos, descobrindo novas consistências.

Como você escreve? Qual o seu método? Você planeja o que vai fazer ou tudo vem de estalo?
Eu faço um projeto. É claro que ele vai se modificando ao longo do tempo e nunca é aquilo que eu projetei, mas eu me empenho naquilo e vou vendo como vai ficando. Sigo numa direção em que acredito; há uma linhagem contemporânea que permeia a minha maneira de pensar poesia. Nada em mim é gratuito, nesse sentido. Há uma coisa ou outra que de repente vem assim forte, mas que deve ser depositada através de mil filtrações que imponho sobre ela. Por exemplo, há um poema de quando papai morreu que é historicamente o que se passou, e que escrevi num dia em que tive muita saudade dele, e escrevi sem modificar nada, nada, como antigamente me acontecia, na época da faculdade; e de vez em quando isso me aparece, malgrado o fato de eu sempre querer me preparar para escrever. Fora isso, não tenho nenhum hábito ou cacoete. Hoje em dia pode ser até no computador, o que antigamente não era possível.

> **"Há uma linguagem contemporânea que permeia minha maneira de pensar poesia**

Nos fale sobre "A alquimia da linguagem", seu estudo sobre a obra de Herberto Helder.
Creio que o relevo desse estudo é o de ter inaugurado a fortuna crítica sobre a obra de Herberto Helder – foi o primeiro estudo de fôlego dedicado especificamente a essa poética, e ainda por cima fora do âmbito nacional



português, porque se deu justo no Brasil. Foi a minha tese de doutorado na USP, que ocorreu em setembro de 1979, embora como livro ela só saísse em Portugal em 1986, pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda de Lisboa. Durante todo o tempo de pesquisa, que começa em 1973, mantive correspondência com o poeta, que foi extremamente gentil comigo me enviando todo o material de que necessitava, amizade que se mantém até hoje, muito embora a gente não se veja e nem se comunique com assiduidade. Durante todo o tempo, Herberto nunca soube qual era o veio que eu perseguiria no trabalho e eu também jamais lhe fiz qualquer pergunta sobre a sua obra – portanto, foi uma surpresa para ele a minha pesquisa.

E quanto ao trabalho propriamente dito?
No trabalho, eu tentei ligar sua escrita a uma tradição da poesia da modernidade, via Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé e Surrealismo francês, que mantém vínculos com o esoterismo (e que passa, em Portugal, por Pessoa), que se apropria de proveitos alquímicos para proceder a uma transubstanciação da linguagem literária, como forma de resistência aos discursos dominantes (mais ou menos na esteira do que pensam Adorno e Walter Benjamin).

De onde nasceu esse gosto, ao qual você se dedica, pelo estudo dos portugueses, e de que forma eles estão presentes na sua poesia?
Esse gosto vem do apreço que (desde o primeiro contato) mantive pela literatura portuguesa,



Foto: Márcio Santana/AscomUFS

enquanto a principal interlocutora da brasileira; compreendê-la seria entender melhor a literatura do meu país e maneira de formular a minha própria. Adoro a literatura portuguesa, a começar pelas lendas medievais etc., sem falar na literatura contemporânea – não dá para registrar todos os meus queridos aqui. Estão todos no que faço, enraizadamente, quero crer, visto que sou leitora constante da obra deles – e quem fala em leitora fala em escritora. Agora, o "como" é difícil responder. Acho que numa espécie de ausência presente porque, se por acaso tomo um tema que tenha a ver com alguém desse imenso repertório, de certeza aparecem ecos no que escrevo, e eles em mim repercutem pelo menos como gente com quem dialogo sempre e particularmente naquela ocasião. Fazem parte da minha formação e continuam comigo nessa massa compósita que sou.

E, particularmente, quanto à Florbela Espanca?
Muito embora ela esteja assente nas questões femininas que desenvolvo, creio que é muito transversal como poetisa. Dediquei-lhe, no *Livro de auras,* um poema, e volta e meia ela aparece aqui e ali, mas não na embocadura dos sonetos – mais através do que suponho que ela seja, até biograficamente.

De um modo geral, como você avalia o ensino de literatura na universidade hoje?
Estou como pesquisadora pelo CNPq, e tenho orientando em toda parte, em Portugal, Alemanha, e diversas partes do Brasil, alguns dos meus orientandos eu ainda nem conheço. Mas, não frequento a sala de aula. O que eu tenho é por amostragem. Mas sinto, não sei se é nostalgia, que as teses não são mais as de antigamente. Também hoje não temos mais professores como António Cândido etc. Não temos mais esses "seres". O nível das coisas mudou muito. Estou repleta de saber de colegas que adoravam dar aula e pediram aposentadoria porque não aguentavam mais dar aula pra quem não se interessa. Essa é uma voz geral.

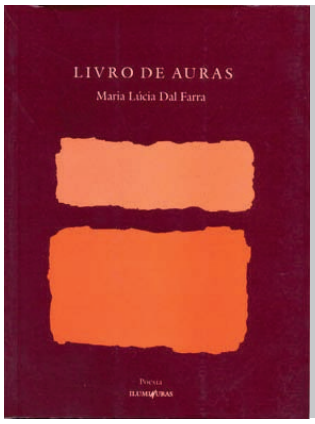
Quais os projetos que têm consumido seu tempo na área da criação literária e no campo da pesquisa acadêmica?
Está saindo agorinha em outubro, pela Embaixada Brasileira no Peru em Lima, uma antologia bilíngue de poemas meus, com apresentação de Mario Granda. De projeto mesmo, tenho vontade de fazer um livro de poemas conversando só com mulheres artistas e ando pensando nisso. Nada sei avançar a respeito ainda, porque o pássaro está na muda e já não canta (é a Florbela que dizia). É, por enquanto estou entre parênteses. Agora, a minha pesquisa (digamos oficial) é sobre a Clarice e a Agustina Bessa-Luís, dois monstros incríveis e contemporâneos! Estou nisso, imparável, muito embora ainda tenha que me desdobrar porque agora faço parte do comitê científico de Letras/Linguística do CNPq.

Este lugar aqui, esta atmosfera, que é muito marcante na produção do seu esposo, também está transposta na sua obra?
Sem dúvida. Aqui é meu ponto de vista. Eu vejo as coisas a partir daqui. Estou aqui desde 1986. E, desde que nos aposentamos, estamos direto aqui. Embora hoje em dia eu esteja viajando demais por causa do trabalho.

Uma curiosidade nada literária: o que te fascina nos gatos para ter tantos por perto?
É fácil responder: basta olhá-los. Eles são lindos, inteligentes, chamegosos, amigueiros, roçantes e adoram colo. Além disso, são campo magnético – quando estou mal dissolvem essa energia ruim; quando preciso me comunicar com alguém (e o meu celular da Vivo - que é uma morta - quase não funciona aqui na roça), basta mandar uma mensagem através deles que a pessoa a recebe de imediato – e eficazmente!

> **"Entender a literatura portuguesa seria uma maneira formular a minha própria**

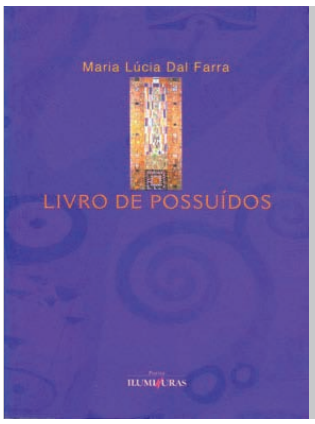
É pacífica a vida entre gatos e Jabuti?
Levando em conta que meus gatos poderiam estranhar aquele ilustre quelônio, dei o Jabuti à minha mãe, assegurando, assim, o reinado perpétuo deles na minha casa e no meu coração. ■



LIVRO DE AURAS

"A autora alia um conhecimento de causa da poesia culta com o despojamento da memória provincial mais nua. Independente das referências fortes que transparecem no livro, sua arte é a do tear, enleio de trama e vazio (...), com seu fio tênue que ninguém saberia deslindar."

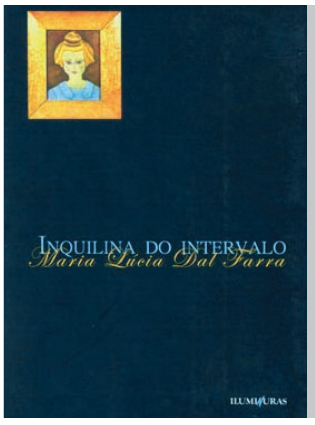
ISBN: 8585219874
121 páginas / 1994
Editora Iluminuras



LIVRO DE POSSUÍDOS

"Uma mulher, munida de seu olhar inquiridor e de sua caixa de pincéis, tintas e mistérios, posta-se diante de um vaso de flores, de uma paisagem florida ou de um fruto anônimo. (...) É uma poesia que ousa indicar, sob o tecido insidioso de seus circunlóquios, o que a cada um dos objetos-seres em definitivo compete consistir poeticamente."

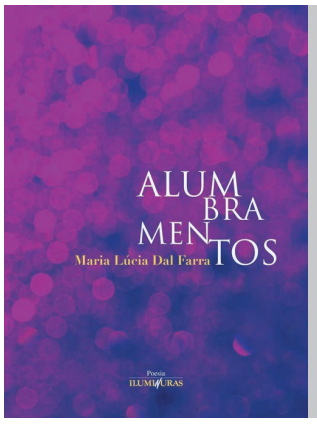
ISBN: 8573211571
144 páginas / 2002
Editora Iluminuras



INQUILINA DO INTERVALO

"O que surpreende de imediato nesse livro é a juventude da voz, infância desabrochando na adolescência, ocupada em crescer, compreender, sentir, confundir-se, perder. (...) Esse tom, ou ressonância, impõe ao texto uma perpétua oscilação, enquanto marca de construção da subjetividade, iluminada de vários focos..."

ISBN: 8573212330
143 páginas / 2005
Editora Iluminuras



ALUMBRAMENTOS

"Passei estes dias da liberdade de abril lendo e relendo o teu livro de poemas. Maravilhada. Tu arrancas a cor à pintura e inundas dela a vida. Ou arrancas-nos a nós da vida e enfias-nos dentro das telas. É uma arte poética brutal e serena, a tua; a arte de quem atravessou a noite da arte sem perder a inocência, o sangue e a coragem da vida."

ISBN: 9788573213263
144 páginas / 2012
Editora Iluminuras



AFINADO DESCONCERTO

"O fluxo destas prosas que, dos contos, atravessa as cartas para derramar-se no diário – é a pretendida nudez diante de um espelho, afinal ingrato, pois que a despe ainda em outra e outra, desconsolo fatal para quem, por fim, se buscava una, muito embora se tivesse encenado em hidra de mil rostos, em face mutável do eterno feminino."

ISBN: 9788573213737
400 páginas / 2012
Editora Iluminuras

Gado na sombra

Maior disponibilidade de sombra influencia positivamente o rendimento do gado

■ Gustavo Monteiro
■ Márcio Santana

Resultados do estresse térmico nos animais

De acordo com os especialistas, os animais expostos a altas temperaturas tendem a diminuir resultados em produção e saúde; transpirar mais; aumentar a frequência respiratória; reduzir o consumo de matéria seca e aumentar a ingestão de água; e diminuir o ritmo das atividades normais. Além disso, os resultados do estresse térmico também fazem com que haja um aumento do fluxo de sangue à pele e redução do fluxo para os órgãos. Tudo isso diminui a produção e a saúde dos bovinos de corte.



Pesquisa realizada pela UFS em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) comprova que, em um sistema chamado pelos especialistas como silvipastoril (em que o produtor mantém o manejo integrado de pasto, árvores e animais), o gado passa mais tempo em busca de alimento devido a maior disponibilidade de sombra nos períodos mais secos do ano.

> **“Na área com menor quantidade de árvores, o gado permaneceu maior tempo em ócio**

O projeto foi feito no campo experimental Jorge Prado Sobral da Embrapa Tabuleiros Costeiros, em Nossa Senhora das Dores, e se desenvolveu através da observação contínua de dez bovinos da raça Nelore, que foram divididos em duas áreas: uma com pouca concentração de árvores e outra onde elas eram mais abundantes.

“Foi constatado que, na área com maior disponibilidade de sombra, o gado permaneceu maior tempo em pastejo, enquanto que, na área com menor quantidade de árvores por hectare, permaneceu maior tempo em ócio”, afirma a orientadora da pesquisa, professora Jucileia Aparecida da Silva Morais, do Departamento de Zootecnia.

Segundo ela, mesmo a raça Nelore, que é mais adaptada ao clima tropical, sofre com o calor excessivo. Por isso, é mais vantajoso para o produtor aderir ao sistema silvipastoril. “Os animais, de uma forma geral, buscam alimento quando se sentem confortáveis e seguros. Com maior consumo de alimento, maior será o ganho de peso dos animais”, diz.

Vantagens econômicas

Ainda de acordo com a pesquisadora, as vantagens econômicas em manter plantas de grande porte no pasto vão além do benefício para os animais, já que as árvores utilizadas no sistema silvipastoril podem ser frutíferas, madeireiras ou forrageiras (que servem para a alimentação do gado).

Além disso, “do ponto de vista ambiental, o sistema silvipastoril também se demonstra promissor, por manter árvores no ambiente de pastejo, evitando assim a degradação ambiental”, defende a professora Jucileia, uma vez que a pecuária tem sofrido pressão dos ambientalistas por conta da emissão de metano e gás carbônico – gases do efeito estufa – por parte dos bovinos.

Gliricídia

As árvores utilizadas durante pesquisa eram da espécie *gliricidia sepium* (gliricídia), uma leguminosa de folha rica em proteína, que também serve de alimento para o gado. A gliricídia também pode contribuir para o aumento da disponibilidade de nitrogênio no solo, o que favorece o crescimento do capim.

De acordo com informações da Embrapa, o plantio da gliricídia pode ser feito das seguintes formas: em sistema adensado (onde só há plantas dessa espécie); em sistema consorciado com milho; em sistema consorciado com palma e milho; e em sistema consorciado com pasto, como foi realizado durante a pesquisa. Para esse caso, o recomendável é plantar as espécies em uma distância de cinco metros entre cada planta e o pasto.

Equipe de pesquisa

Além da professora Jucileia Aparecida da Silva Morais, a pesquisa “Comportamento ingestivo de bovinos Nelore em sistema silvipastoril no Estado de Sergipe” foi coordenada também pelo professor Jailson Lara Fagundes (ambos do Departamento de Zootecnia da UFS) em parceria com José Henrique Rangel, engenheiro agrônomo e pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros. Também fizeram parte da pesquisa sete estudantes de graduação em Zootecnia. ■



Foto: Adilson Andrade/AscomUFS

■ Jucileia Aparecida da Silva, do Departamento de Zootecnia, uma das coordenadoras da pesquisa



Foto: Arquivo dos pesquisadores

■ Pesquisa foi realizada no campo experimental da Embrapa Tabuleiros Costeiros, em N. S. das Dores